

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 35 No. 1 Janeiro – Abril 2022
Edição Especial: Arqueologia em Quarentena

ARTIGO

REFLEXÕES DE UMA ARQUEOLOGIA PANDÊMICA: O PAPEL DOS AFETOS E DAS RELAÇÕES NA PRÁTICA ARQUEOLÓGICA

Daniel Grecco Pacheco*

RESUMO

Este texto é a materialização de angústias, afetos e reflexões causadas pelos longos dias do confinamento gerado pela pandemia da Covid-19. Pensamentos produzidos durante meus estudos arqueológicos pandêmicos, com o desenvolvimento da minha pesquisa de doutorado na quarentena. O isolamento social contribuiu para uma reflexão do protagonismo e importância das relações em nosso cotidiano, e para a própria constituição de nós mesmos, dos diferentes seres e do mundo. Algo que também pode ser pensado para a arqueologia. Uma prática arqueológica em quarentena, em completo isolamento, perde o seu sentido básico e vai contra a própria ideia do que é a arqueologia. Algo constituído pela constante intra-ação de seres, objetos, pessoas, paisagens, impulsionada pelos afetos e sensações no estabelecimento de complexas assembleias. Minha breve reflexão propõe discutir as bases da arqueologia como algo relacional e afetivo, composto pela presença de fluxos em um constante devir. Trata-se de um trabalho coletivo e plural resultante da atuação de diferentes entes, seres e pessoas.

Palavras-chave: teoria arqueológica; relações; intra-ação; pandemia Covid-19.

* Estudante de doutorado em Estudios Arqueológicos pela Escuela Nacional de Antropología e Historia (ENAH), México, e estudante de doutorado em Arqueologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestre em História da Arte pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil e licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Investigador do Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da Universidade de São Paulo (CEMA). E-mail: daniel_gpacheco@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5184-675X>.

REFLECTIONS ON A PANDEMIC ARCHAEOLOGY: THE ROLE OF AFFECTIONS AND RELATIONSHIPS IN ARCHAEOLOGICAL PRACTICE

ABSTRACT

This text is the materialization of anxieties, affections and reflections caused by the long days of lockdown generated by the Covid-19 pandemic. Thoughts produced during my pandemic archaeological studies, with the development of my doctoral research in quarantine. The social isolation contributed to a reflection on the role and importance of relationships in our daily lives, and in the very constitution of ourselves, and of the different beings and the world. Something that can also be thought for archeology. An archaeological practice in quarantine, in complete isolation, loses its basic meaning and goes against the main idea of what archeology is. Something constituted by the constant intra-actions of beings, objects, people, landscapes, constructions, driven by affections and sensations in the establishment of complex assemblages. My brief reflection proposes to discuss the bases of archeology as something relational and affective, composed by the presence of forces and flows in a constant becoming. A collective and plural work resulting from the performance of different entities, beings and people.

Keywords: archeological theory; relations; intra-action; Covid-19 pandemic.

REFLEXIONES DE UNA ARQUEOLOGÍA EN PANDEMIA: EL PAPEL DE LOS AFECTOS Y LAS RELACIONES EN LA PRÁCTICA ARQUEOLÓGICA

RESUMEN

Este texto es la materialización de ansiedades, afectos y reflexiones provocadas por los largos días de encierro generados por la pandemia del Covid-19. Pensamientos producidos durante mis estudios arqueológicos pandémicos, con el desarrollo de mi investigación doctoral en cuarentena. El aislamiento social contribuyó a una reflexión sobre el papel y la importancia de las relaciones en nuestra vida diaria y en la propia constitución de nosotros mismos, y de los diferentes seres y del mundo. Algo que también se puede pensar en arqueología. Una práctica arqueológica en cuarentena, en completo aislamiento, pierde su significado básico y va en contra de la idea misma de lo que es la arqueología. Algo constituido por la intra-acción constante de seres, objetos, personas, paisajes, construcciones, impulsados por afectos y sensaciones en el establecimiento de conjuntos complejos. Mi breve reflexión propone discutir las bases de la arqueología como algo relacional y afectivo, compuesta por la presencia de fuerzas y flujos en un devenir constante. Un trabajo colectivo y plural fruto de la actuación de diferentes entidades, seres y personas.

Palabras clave: teoría arqueológica; relaciones; intra-acción; pandemia del Covid-19.

O INÍCIO

A ideia de escrever este texto surgiu de pensamentos sobre os acontecimentos do último um ano e meio, de contexto pandêmico, somados a reflexões sobre a arqueologia e sua prática, ou melhor, a não prática ao longo desse tempo¹. Era uma ideia que já tinha, e quando vi a chamada para artigos deste dossiê, foi algo que me chamou a atenção, pois vi que poderia ser uma excelente oportunidade de escrever algo, e materializar para o texto, afetos, sentimentos, angústias e reflexões sobre esse contexto. Um contexto que afetou a vida de todos² em diferentes graus de dor e mudanças.

Tentar seguir com as atividades diárias não essenciais é algo difícil. Até qualquer discussão sobre arqueologia neste momento se torna algo secundário. Mas, como em meu caso, e de muitas outras, a arqueologia é parte integrante de nossas vidas, é um tema que se torna importante. Ou pelo menos, algo a ser discutido também em tempos como este.

Esta reflexão será uma tentativa de discutir minha relação com a arqueologia durante esse aproximadamente 1 ano e 1 mês de confinamento, e de como uma situação como essa me levou a pensar a importância que as relações ocupam na constituição dos estudos arqueológicos. Foi um pensar de uma arqueologia relacional a partir de uma conjuntura na qual tais contatos se fizeram cada vez mais escassos. Essas reflexões e práticas de uma arqueologia pandêmica, de certa forma, me ajudaram a seguir adiante em um exercício de não sucumbir ao contexto atual.

Minha intenção não é a de fazer uma revisão bibliográfica, ou esgotar as discussões sobre o enfoque relacional na arqueologia, que está presente há algumas décadas e conta com diversos trabalhos publicados. O meu objetivo é outro. É trazer uma experiência pessoal como parte das reflexões do fazer arqueológico afetivo e relacional. Com isso, espero que este texto possa, de certa forma, contribuir para o estabelecimento de um diálogo, uma relação com os demais participantes deste dossiê e de outras reflexões e inquietações desenvolvidas sobre uma arqueologia em tempos de Covid-19, como o Dossiê da Revista Tessituras, “As Ciências Sociais em Tempos de Pandemia: Inquietações Coletivas”, publicado em 2020, por exemplo.

Essa troca de afetos, angústias, ideias é uma forma de refletirmos sobre o nosso campo de estudos e pesquisa, mas, sobretudo, é um ato de cuidado e afeto com cada um que se propôs a escrever algo sobre esse tema, e também a os leitores desses textos.

RELATOS DE UM ESTUDANTE DE ARQUEOLOGIA EM QUARENTENA

A quarentena na Cidade do México teve início no mês de março de 2020, mais precisamente no dia 23 de março de 2020, quando, com o aumento de casos em todos os estados da república mexicana, o presidente Andrés Manuel López Obrador, declarou o fechamento do comércio, das escolas, e o confinamento das pessoas. Na manhã desse mesmo dia, quando olhei pela janela de minha antiga casa e vi a movimentada Avenida del Imán, na parte sul da cidade, vazia, senti um nó no estômago. Esse foi o início do meu confinamento.

Há dois anos e meio vivo no México, onde vim estudar meu doutorado em arqueologia. Meu tema de pesquisa é o caráter ontológico dos tecidos dos povos mayas³.

¹ Este manuscrito foi escrito durante o mês de abril de 2021.

² Ao longo deste texto optei por fazer uso da linguagem inclusiva com o sistema El.

³ A escolha pelo uso do termo “maya”, ao invés da grafia apontada pelas regras gramaticais da língua portuguesa “maia”, se deve a algumas questões importantes que transcendem a questão linguística. O termo maya para se referir a esses grupos culturais presentes no sul do México, Guatemala, Belize, e partes de Honduras e El Salvador passa a adquirir um importante valor para alguns dos grupos pertencentes a esse tronco linguístico a partir dos movimentos pan-mayas surgidos nas décadas de 1980 e 1990 na Guatemala e

Algo que traz memórias e afetos que remetem à minha infância, pois desde pequeno convivi com o mundo dos tecidos por conta de minha mãe, Marcia. Desde que eu tinha oito anos, ela dá aulas de diferentes tipos de bordados e tecidos, principalmente o tear de madeira, de cavalete. O mundo das tramas e urdiduras, das malhas criadas pelos entrelaçamentos sempre foi algo fascinante para mim! Desde essa idade comecei a tentar aprender alguns pontos para bordar alguns pequenos trabalhos. Isso, somado a minha paixão pelos povos mayas e pela história antiga de *Abya Yala*⁴, fez com que eu desenvolvesse essa paixão pela arqueologia dos povos mayas e em especial por sua produção têxtil de tecidos cerimoniais.

A ideia de viver no México sempre foi algo que povoava os meus sonhos e fazia parte de um plano de vida desde o primeiro momento que conheci a história dos povos mesoamericanos durante minhas classes de História da América Antiga na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com o professor, e meu grande amigo, Fernando Torres Londoño. Uma oportunidade que se fez realidade a partir do ano de 2018, fruto de muito sacrifício e esforço, mas também como um resultado de minha posição como homem, heterossexual, branco, de classe média, que infelizmente ainda me outorga muitos privilégios em qualquer parte do mundo.

A realização desse sonho também me trouxe alguns sofrimentos, tristezas e separações de pessoas amadas. Estar longe de minha família, especificamente meus pais Marcia e Antônio Carlos e minha prima-irmã Flavia, é um desafio diário. Por sorte, aos poucos pude estabelecer uma série de relações com amigos, e com minha companheira atual e sua família, que me possibilitou viver esse sonho mexicano em sua totalidade. Uma totalidade de afetos, sensações, odores que invadem meu Ser diariamente enquanto me dedico a minhas pesquisas. Algo que foi interrompido pelo contexto pandêmico iniciado no ano passado.

Os odores mexicanos tão característicos e que tanto mexem com meus afetos estão mais fracos. O cheiro das tortilhas de milho frescas sendo preparadas pelas *tortillerias* espalhadas pela cidade; o odor dos *tamales*, que se mesclam com os sons dos autofalantes de vendedores, que passam por todos os cantos da Cidade do México; o carro que anuncia a compra de ferro velho, vendedores de gás, e muitos outros sons, são das minhas sensações mais marcantes em minha vida por aqui. Todas elas eclipsadas pelo confinamento da pandemia.

Uma pandemia que trouxe separações forçadas, tristezas, angústias, com o estabelecimento de uma nova normatividade composta pelo isolamento, o distanciamento, a solidão. No meu caso, isso teve uma grande carga emocional, pois estou a mais de 6.300 quilômetros longe da minha família. Foi um momento de incertezas e de reflexão. O confinamento me fez dedicar de maneira mais efusiva às minhas pesquisas, mas foi uma dedicação difícil, pois o pensamento fica dividido com uma preocupação constante com a saúde de meus entes queridos que estão no Brasil. Alguns dias são mais

México. Um movimento etnopolítico, com o propósito de unir falantes de línguas mayas sob uma mesma identidade cultural e étnica para fortalecer as etnias e comunidades como uma resposta a segregação, racismo e genocídio sofridos pelos povos mayas guatemaltecos pelos governos daquele país durante a Guerra Civil. A minha opção pelo uso de tal termo vai em concordância a essas questões propostas pelo movimento Pan-maya e ressalta a importância política, social e histórica presente na grafia da palavra “maya”.

⁴ A opção pelo termo *Abya Yala* obedece a uma tentativa de evitar a perpetuação de uma violência epistêmica presente na sociedade e na academia nos países do nosso continente. *Abya Yala* é um vocábulo proveniente da língua do povo Kuna, localizado na atual Colômbia, e tem como significado “Terra madura”, “Terra Viva”, sendo um sinônimo de América, e a maneira como esse povo trata esse território. Ainda que cada um dos diversos povos originários que habitam o continente tenha diferentes nomes próprios para designar o local onde habitam ou habitaram, o termo *Abya Yala* vem sendo cada vez mais usado como um sentimento de unidade e pertencimento.

difíceis que outros e é quase impossível me concentrar nas centenas de textos estudados para a tese. De toda maneira, o trabalho foi pouco a pouco avançando.

Entretanto, a dificuldade é muito grande. Algo que aumenta a cada dia, a cada semana e mês de quarentena. Estar isolado, sem o contato com meu material de estudo, com os livros, sem sentir o cheiro das bibliotecas e da minha escola é algo muito difícil. Mais ainda é estar privado do contato com as pessoas, com professores e amigos. A era das “videochamadas” não é nada agradável. Ainda que seja uma ferramenta importante para, de certa forma, amenizar o convívio com nossas pessoas queridas, é algo cansativo, artificial e que não cumpre com a totalidade das necessidades que uma relação humana necessita. O passar dos meses é o passar de um tempo que muitas vezes parece desperdiçado, perdido. Ao final de 2020, tinha a estranha sensação de que o ano havia acabado de começar, um tempo paralisado, congelado.

Mas pelo menos era um tempo congelado, e não um tempo “terminado”, que já não existia mais, como foi para milhares de pessoas no Brasil, no México e mundo, que perderam suas vidas com a pandemia. Qualquer queixa mais aprofundada feita por mim neste momento seria algo injusto e egoísta.

No meio a tudo isso, a arqueologia também parecia estar congelada, parada no tempo. Me lembro, antes disso tudo começar, de estar fazendo minhas práticas de meu curso de estratigrafia no terreno vizinho à ENAH, a Escola Nacional de Antropología e História, escavando os montículos em companhia de amigos e da professora Sabrina Farias, observando os extratos da terra, sentindo sua textura, seu cheiro e tentando entendê-los. Meses depois, estava fazendo medições do terreno e da paisagem ao redor da escola, da pirâmide de Cuicuilco, importante sitio do período pré-clássico da Mesoamérica (2000 a.C. a 225 d.C.), que se encontra ao lado da ENAH. Minhas aulas de topografia com o trânsito, o prisma e o livreto de anotações.

Aos poucos também foi aumentando a falta de estar em um trabalho de campo, sentir o odor e a textura da terra, o sol castigando a cabeça, o suor que escorre do rosto, e a velha colher de pedreiro, sacando a terra lentamente. A falta de estar mergulhado de cabeça no mundo da quadrícula arqueológica, essa estrutura modernista, mas que a cada vez que debruço minha cabeça para escavá-la, me faz entrar num outro mundo. Minha cabeça acessa lugares antes desconhecidos, imagino aquele pedaço de terra em tempos antigos, toda a história e a trajetória daquele espaço de 1 metro por 1 metro localizado na paisagem.

Minha rotina de estudante de arqueologia “quarentenado” era completamente diferente. Acordar cedo, *desayunar*, fazer exercícios dentro de casa e começar a trabalhar, algo quase ininterrupto até as primeiras horas da noite. Leituras e mais leituras, anotações, fichamentos. Redação de textos, de capítulos da tese, trabalhos com fontes. Mas nunca é o suficiente. Faltam os materiais. Falta o tocar, sentir os objetos, no meu caso os tecidos. Ver as fotos, descrições das técnicas e dos relatos sobre a produção têxtil não substitui estar na presença desses materiais, desses objetos, ou perceber suas estruturas, suas tramas, urdiduras, seus pontos, ou sentir seu cheiro, sua textura, sentir estar em contato com esses Seres. Ler descrições como “*tecido duplo, gaze, pilha de trama em loop, tapeçaria, vários tipos de sarja, flutuador de urdidura e um tipo de aberturas com flutuadores de trama suplementares*”, “*tecidos feitos em Z e algodão dobrado em S, com três diferentes tipos de ponto*” não me chamavam muito a atenção, e em algum momento já me sentia totalmente saturado.

Todo esse contexto me faz sentir falta de entrar em contatos com esses seres, estabelecer relações com eles, senti-los em sua totalidade. Sobretudo, porque nas ontologias mayas, os tecidos não são meros resultados de uma produção técnica e objetiva. Conforme destacado anteriormente por Pedro Pitarch (2020), os têxteis, para

esses povos, vão além de um papel funcional ou simbólico; podem atuar como um modelo do cosmos, um modelo da articulação de diferentes espaços ontológicos (PITARCH, 2020, p. 201). São usados como analogias para descrever a relação com esse outro lado. São elementos fundamentais para desenvolver mudanças nas condições do Ser e apresentam um aspecto topológico que implica uma interação de espaços feita por transformações contínuas e reversíveis (PITARCH, 2020, p. 196).

Além disso, a produção têxtil maya pode ser pensada como um acontecimento ontológico, o nascimento de um novo Ser (GRECCO PACHECO, 2019). Seres esses que são criados e nascem a partir do trabalho das tecedoras mayas de diferentes comunidades, através de movimentos corporais dessas criadoras da vida, durante as relações estabelecidas com seus teares de cintura (*r'kux*, para os mayas tz'utujiles de Guatemala): um ente que dá vida aos seres de tecido (PRECHTEL; CARLSEN, 1988).

Nesse acontecimento há um movimento ritmado e regular do *r'kux* pelas tramas e urdiduras comandado pelo toque de cada tecelã, num processo que vai outorgando vida aos tecidos a partir do afeto das responsáveis pela criação com suas criaturas. É um cuidado de quem acaba de formar algo único, resultado de uma interação com o cosmos e com diferentes seres, toques, odores, que por fim dão vida ao novo Ser de tecido. Algo que também é passado de geração a geração pela atuação da memória, dos afetos, da fala e da oralidade em conjunto com a experiência prática.

O resultado do movimento das tramas e urdiduras, a tela que se forma, a ação da tecedora que concede vida ao tecido, com a ajuda dos seres do cosmos, como a Árvore da Vida, adquire esse sentido que caracteriza a própria essência do cosmos maya, da formação de seus diferentes seres (PRECHTEL; CARLSEN, 1988). Um processo presente desde o período pré-hispânico.

A pandemia e o confinamento forçado nos privaram do contato com essas ontologias, com esses mundos diferentes que nos proporcionam os trabalhos etnoarqueológicos, com os afetos produzidos nesses encontros com diferentes seres e materialidades, e o desenvolvimento de uma arqueologia comprometida com outros saberes, filosofias e conhecimentos diferentes do conhecimento ocidental, e que mexem com nossos sentidos, nossas percepções.

A restrição ao estabelecimento desses contatos com coisas, pessoas, entes, paisagens é o que vem caracterizando as tentativas de exercício de uma arqueologia em tempos de pandemia, e tem sido a sua principal dificuldade (MARQUES, 2020), num movimento que deixa cada vez mais clara a impossibilidade de uma prática arqueológica sem o estabelecimento de diferentes tipos de relações.

UMA ARQUEOLOGIA DOS CONTATOS E DOS AFETOS

A palavra “privação” talvez seja o melhor termo para resumir e descrever o contexto pandêmico iniciado há mais de um ano nos diferentes países do mundo. Uma privação de sair, de se relacionar, uma privação da vida. Na arqueologia, a renúncia às relações é talvez a própria morte da prática dessa disciplina. O ato de sair a campo, seja ele, arqueológico, etnoarqueológico, etnográfico, é algo renovador; possibilita experiências de contatos com pessoas, seres, materialidades, afetos e sensações: é o próprio movimento de estar no mundo, de vivenciar esse mundo. É algo que é afetado desde os contatos com as pessoas, entes, até a relação estabelecida com a matéria produzida pelos seres em diferentes temporalidades. O ato de trabalhar e se relacionar com outros sistemas de conhecimento se apresenta como uma importante prática sensorial (CABRAL, 2017). Conhecer outro mundo, seus actantes, afetar e ser afetados por eles, com a construção de um compromisso são elementos fundamentais em tais práticas.

No caso da matéria, a inexistência de tais práticas cancela o movimento de deixar ser afetado pelas coisas, de sentir suas texturas, sentir seu cheiro, elementos fundamentais para um exercício de uma abertura ao outro, uma abertura ao próprio resquício ontológico e às alteridades presentes nesses materiais. Isso é algo discutido pelo antropólogo Tim Ingold, que propõe que as próprias relações determinam a existência dos entes de acordo com seus posicionamentos dentro de uma malha relacional, formada por diferentes linhas da vida, que estão sempre em movimento (INGOLD, 2015, p. 118). Uma ação que é o componente primário de um compromisso, da experiência de estar no mundo (INGOLD, 2015, p. 122). Uma qualidade não apenas humana, mas algo que está presente em todos os tipos de pessoas, corpos, coisas, ideias, forças, poderes e entes de diferentes tipos (BUCHANAN; SKOUSEN, 2015, p. 6).

Essa primazia pelo movimento e a importância das relações com nosso entorno também são temas das reflexões do arqueólogo Matt Edgeworth (2012), com a proposta de *seguir o material*, estabelecer uma relação próxima a ele e buscar as histórias que constituem suas propriedades. Questões que emergem a partir desse emaranhamento afetivo dos pesquisadores com o objeto, rompendo a fixa barreira cartesiana entre sujeitos e objetos, em que ambos se constituem e se moldam a partir dessas relações.

Pois, como propõe José Roberto Pellini (2010, p. 12), *devemos descrever menos e vivenciar mais os objetos*, nos permitir ser afetados e afetar as coisas, perceber a relação intrínseca entre as pessoas e o mundo material, um mundo que está longe de ser inanimado, mas que nos afeta e nos constitui como pessoas, para assim levar em conta que nossa relação com esse universo das coisas é um diálogo em que ambos, arqueólogos e artefatos são criados e transformados a partir do afeto (PELLINI, 2010, p. 14).

São ideias que me emocionam e impulsionam a pensar a arqueologia a partir dessa ótica, uma arqueologia afetiva, relacional, tocada por esse mundo das relações. Tais reflexões estão presentes em diversos estudos arqueológicos nas últimas décadas, mas não é minha intenção com essa reflexão fazer uma exaustiva revisão bibliográfica sobre o tema. Eu apenas gostaria de destacar alguns desses estudos que estiveram na minha companhia durante o período pandêmico, sobretudo aqueles que discutem os conceitos de conjuntos heterogêneos de relações entre diferentes tipos de entidades e que terminam por definir a constituição desses seres, do entorno, e da própria matéria.

De acordo com o que foi pensado por esse enfoque a partir do uso do conceito de *assamblage*, ou assembleia, o mundo é composto por diferentes elementos potenciais e indeterminados, pertencentes a diferentes ontologias, emaranhados e que se materializam por meio de relações (PELLINI, 2018a, p. 30). A ideia de assembleia, discutida anteriormente por Gilles Deleuze y Félix Guattari (1997), e traduzida em um primeiro momento como “agenciamentos”, substitui o conceito de “contexto”, pois denota abertura em vez de fechamento, prevê um constante estado de fluidez e permutabilidade, com o estabelecimento de relações não estáveis e fixas, com fluxos, forças e agências de todos os tipos, e que se encontram num eterno devir.

Foi algo que pude estudar com detalhe, com as discussões propostas pelos autores Benjamin Alberti, Andrew Jones, e Joshua Pollard no livro *Archaeology after Interpretation. Returning materials to archaeological theory*. Essa é uma publicação já não tão recente, foi editada no ano de 2013, mas se tornou um de meus livros favoritos durante o período pandêmico. Nunca tinha lido em sua totalidade e me emocionei com as propostas, ideias e reflexões, ainda muito atuais. O conceito de assembleia é discutido com detalhes por ês autores que integram esse volume. Na introdução, Alberti e Jones apresentam essa ideia como sendo:

*[...] a collection of heterogeneous elements, but what is especially important is the relation between the elements. These elements could be various things brought together in particular relations, such as the detritus of everyday life unearthed in an archaeological dig: bowls, cups, bones, tile, figurines and so on [...]*⁵ (JONES; ALBERTI, 2013, p. 28, citando a WISE, 2011).

Matt Edgeworth (2012) segue a mesma linha, e descreve as assembleias como *agrupamentos de materiais vibrantes, fluxos, forças e agentes de todos os tipos, tanto humanos como não humanos, materiais e cognitivos* (EDGEWORTH, 2012, p. 85). Segundo Chris Fowler (2013), podemos pensar em cada assembleia como sendo composta por diferentes entidades, de modo que cada uma seria constituída de forma múltipla e incorporada em suas relações com outras. Segundo esse autor, todas as características das entidades emergem e partem por meio de cadeias de relações que incluem aspectos e afetos materiais. E, assim, uma assembleia pode ser uma ou várias ao mesmo tempo. Elas são relacionais e históricas, crescem com o tempo (FOWLER, 2013, p. 246).

Mais recentemente, Yannis Hamilakis (2017) acrescentou elementos importantes nas reflexões sobre as assembleias arqueológicas: a sensorialidade, afetividade, memória e seus aspectos políticos (HAMILAKIS, 2017). O afeto seria um elemento fundamental pertencente a esses conjuntos, uma força potencial que está presente na articulação e composição dos diferentes elementos dentro de uma assembleia, e que é colocado em ação, em movimento pela sensorialidade. Assim, para Hamilakis, todas as assembleias seriam sensoriais, com intensidades afetivas variáveis e que podem mudar dependendo de seu contexto e dos elementos implicados (HAMILAKIS, 2017, p. 180).

Seguindo essas reflexões sobre esses emaranhados afetivos e ampliando um pouco as análises sobre as naturezas de tais compromissos, chego até Karen Barad, outra grande companheira em minha solidão pandêmica, autora que me encantou com suas reflexões e propostas sobre a constituição dos seres, dos materiais e do mundo. Foi uma leitura difícil, que me tomou muita atenção e tempo, mas que foi bem prazerosa, principalmente por me fazer sentir desafiado. Aqui, muitos dos leitores seguramente me perguntariam se durante esses meses pandêmicos apenas me dediquei a leituras “científicas”. Minha resposta é não. Também disfrutei obras de suspense, ficção, sendo a britânica Agatha Christie minha autora preferida.

Durante as pausas de meus estudos e reflexões, me deliciava com as fascinantes histórias dos detetives Hercule Poirot e Miss Marple, uma paixão que chegou a mim pela minha avó Nelly. Mas é inegável que a pandemia me pressionou muito a escrever, estudar, como se tivesse obrigatoriamente que ocupar meu tempo com algo da academia, numa pressão diária para produzir.

Regressando a meu contato e relação com Barad (2003, 2007), talvez a proposta que mais me chamou a atenção foi o conceito de ontologia realista agencial. Tais ideias preveem uma possibilidade de compreensão da natureza das práticas material-discursivas e dos fenômenos materiais, para pensar as relações a partir dessa ótica. A principal ideia trazida por Barad (2003, 2007) é pensar esses elementos como sendo intrinsecamente unidos em um envolvimento mútuo que atua em conjunto, numa dinâmica constante de intra-atividade. Nem as práticas discursivas, nem os fenômenos materiais são ontológicos ou epistemologicamente anteriores, e nenhum pode ser explicado em termos do outro (BARAD, 2003).

⁵ [...] uma coleção de elementos heterogêneos, mas o que é especialmente importante é a relação entre os elementos. Esses itens podem ser várias coisas reunidas em relações particulares, como os destroços da vida cotidiana desenterrados em uma escavação arqueológica: tigelas, taças, ossos, azulejos, estatuetas, etc. [...] (Tradução do autor).

Assim, as práticas material-discursivas são performances específicas por meio das quais a matéria é engajada e articulada alterando as bases materiais-discursivas na dinâmica interativa da intra-ação, em que os elementos presentes em uma assembleia são intra-atuantes, ou seja, constituem-se mutuamente por meio de práticas material-discursivas (BARAD, 2007). Nesse sentido, a materialidade também é ela própria discursiva, com a existência de um constante emaranhamento entre esses seus diferentes aspectos, formando um único elemento de atuação. Essa conceitualização da materialidade oferecida pelo realismo agencial de Barad torna possível levar em conta as características e condições materiais ao considerar os objetos como sendo fenômenos compostos por práticas abertas num constante devir.

Assim como esses outros elementos, os objetos também são resultados de exercícios relacionais e existem pela sua ação de relação: são fenômenos relacionais, com propriedades históricas. As coisas não carregam consigo características de pré-existência aos fenômenos a que estão vinculadas e emaranhadas. Sujeitos e objetos são sujeitos e objetos apenas dentro de uma relação (PELLINI, 2018a, 2020).

O alcance das ideias de Barad (2003, 2007) vai muito além do campo da física e da teoria feminista. Sua potência está presente em diferentes áreas do saber, como as ciências humanas, estudos culturais, artes, neurociência, educação ambiental, saúde, e a psicologia, por exemplo. Algumas de suas influências mais latentes estão no campo dos estudos culturais, em reflexões sobre o corpo e suas dinâmicas, e as diferentes performatividades envolvidas (TAVARES; BONADIO, 2021). No campo das artes, especificamente nas discussões presentes na teoria da arte, Barad tem grande importância nos debates sobre a matéria, e sua constituição. Suas ideias, assim como as do novo-materialismo, têm inspirado diferentes artistas, como Karmen Franinovic, para pensar o caráter ativo da constituição da matéria (FRANINOVIC, 2018).

Esther Moñivas, em suas reflexões conecta a teoria do realismo agencial de Barad com a neurociência, com uma discussão sobre a maneira como os aparatos condicionam uma visualidade fragmentária (MOÑIVAS, 2019, p. 50). De igual maneira, outra questão presente é como nossos corpos são afetados e afetam os sistemas culturais, e especificamente a arte, com a conversão desses corpos como meios e materiais explorados pela arte conceitual. Ainda nesse campo, Barad participou da edição número 13 da Documenta, uma das exposições de arte mais importantes do mundo, no ano de 2012 na cidade de Kassel, Alemanha. Uma das propostas do evento foi a de discutir as exposições de arte como fenômenos, parte da ideia de intra-ação. Nesse mesmo ano, esse conceito da autora teve grande destaque durante um evento na galeria SOMArts em San Francisco, Estados Unidos, com diversas discussões sobre a ideia de intra-ações das multiespécies (KIRKSEY, 2015).

Outra proposta que vem da área artística é pensar a produção de vídeos como sendo a geração de uma realidade e não apenas uma representação. A discussão apresentada por Ursula Biemann pensa a agência presente nos processos criados por cineastas e suas contribuições diretas para a mudança de configurações materiais, políticas e de conhecimentos, num emaranhado de relações e práticas (BIEMANN, 2015, p. 122). Emaranhados que são pensados também por Katie Warfield ao analisar as fotografias digitais conhecidas como *selfies* sob um ponto de vista do realismo agencial, em que tais práticas são pensadas como emaranhados discursivos em que corpos, fotos, câmeras, e os *eus* expressos estão em constantes toques e relações (WARFIELD, 2016).

As inspiradoras ideias de Karen Barad também afetaram a educação ambiental, com discussões sobre teorias práticas para o ensino e a aprendizagem. A teoria do realismo agencial foi proposta para pensar as relações das pessoas com o mundo, um compromisso com o entorno e os seres, ao considerar a educação em geral e a educação ambiental por

meio de um emaranhado difrativo de vir a ser e aprender (BROWN; SIEGEL; BLOM, 2020, p. 14). O grande alcance das propostas de Barad (2003, 2007) também chega a discussões da área da saúde, com ideias para trabalhar com compreensões alternativas acerca da infertilidade feminina, com um trabalho a partir de uma leitura difrativa da vivência de pacientes, no apoio a combater esse problema (SANTOS; FERREIRA, 2021). E um rechaço a atribuir aos corpos características e capacidades constantes e independentes dos contextos e aparatos material-discursivos que os produzem.

A psicologia é um dos campos mais férteis em que estão presentes as teorias baradianas, desde os estudos psicossociais, com o reconhecimento das interconexões entre as dimensões individuais e sociais dos diferentes grupos humanos (TEDESCO, 2020, p. 73), passando pelas diferentes áreas da psicologia clínica (ALLEGRIANTI; WYATT, 2014), psicologia social (HØJGAARD; SØNDERGAARD, 2011), saúde mental (FLORE; KOKANOVIĆ; CALLARD; BROOM; DUFF, 2019), cognição (RIVERS; DERKSEN, 2016), entre outras.

Regressando ao nosso campo da arqueologia, José Roberto Pellini foi um dos pioneiros a refletir sobre as ideias de Barad e a pensar os afetos a partir dessa ótica (PELLINI, 2018a, 2018b, 2020). Ele argumenta que afetos, sentidos, memórias e narrativas são formados de forma relacional por meio de processos de intra-ação. Para Pellini, o afeto não pode ser concebido como anterior ao processo de significação, uma vez que sentimento e sentido fazem parte da mesma relação que surge da intra-ação de diferentes elementos (PELLINI, 2018b, p. 7).

Com isso, é possível pensar tais práticas como sendo a base das relações estabelecidas das mais diferentes naturezas, inclusive do próprio fazer arqueológico. Se a matéria é entendida nos termos de sua utilização, vivência e experimentação, o confinamento e a prática de uma arqueologia sem contatos e relações pressupõe o fim e a impossibilidade do exercício de tal prática. As inexistências desses emaranhados de relações entre os pesquisadores e suas matérias, as comunidades estudadas, as paisagens, determina uma não existência de muitos dos elementos presentes dentro dessas assembleias, o que termina por comprometer o contato com seres de diferentes temporalidades e também com o próprio passado, que é criado por meio dessas relações.

REFLEXÕES FINAIS

Talvez a principal característica que permeie os diferentes tipos de seres e a existência como um todo seja a sua incapacidade de viver de maneira isolada, hermética, sem o estabelecimento de relações e de contatos. Os seres e a matéria não podem viver de maneira independente, pois são elementos que estão sempre em constantes interações com o mundo exterior, em movimentos a fim de constituir a si próprios.

A ideia de estar no mundo, reflexão que vem desde a fenomenologia, que significa encontrar, vivenciar e compreender as coisas de uma forma específica, relacional, dentro de um campo de possibilidades (HEIDEGGER, 2018), se faz cada vez mais importante para o desenvolvimento de qualquer atividade, o que fica cada vez mais evidente também na prática arqueológica.

O exercício de uma prática arqueológica, seja ela de qualquer orientação teórica, pressupõe e se faz necessária com a participação de “alguém mais”. A arqueologia não se faz de maneira individual, isolada. Ela é uma construção coletiva, plural (JOFRE, 2019, p. 34; CABRAL, 2017). Seja esse alguém, uma matéria, um objeto, uma pessoa, um ente do cosmos, seja uma paisagem. O toque, o afeto é algo inerente a essas práticas, algo que se coloca ainda mais em evidência num contexto como o da pandemia, de um isolamento e a “proibição” da fruição, do manuseio das coisas, como também destacou em suas reflexões e angústias sobre uma arqueologia pandêmica Marcélia Marques (2020).

A arqueologia tem como uma de suas bases e condição de existência o estabelecimento de uma relação, uma relação afetiva com o que está sendo estudado (ZARANKIN; SENATORE, 2015, p. 12). Ao cortar essa relação, corta-se o sentido da arqueologia, e desaparece o fazer arqueológico. O confinamento forçado, ainda que promovido de maneira correta em tentativas desesperadas para preservar vidas durante a pandemia, atinge a arqueologia em sua base. Rompe com esses emaranhados de relações, dissolve essas assembleias que contam com a presença de diferentes seres e elementos de distintas ontologias que possibilitam a pesquisa arqueológica.

Ao usar as reflexões de Barad (2003, 2007) sobre as assembleias e as intra-ações que possibilitam a existência de seres, matéria, objetos, paisagens que compõem essas relações, procurei fazer uma analogia à necessidade de tais movimentos para a constituição do fazer arqueológico. Sem o estabelecimento dessas intra-ações a arqueologia desaparece, assim como os objetos e a própria matéria. A arqueologia depende das relações e dos afetos, dos contatos dos arqueólogos com os objetos e suas matérias, e os afetos e sensações geradas e criadas por esses movimentos.

Tais sensações são provocadas pelos cheiros dos objetos, das paisagens, da terra, da areia escavada, do contato com os outros membros da equipe de escavação, numa constante troca de saberes, vivências e subjetividades. Se algum elemento ou membro dessas assembleias não está presente, o conjunto não funciona; as relações e as existências dependentes desses fluxos deixam de existir e se desmancham pelo ar. Pois, todas as partes das assembleias têm uma igual importância ontológica para o funcionamento desses conjuntos.

Além disso, se ês arqueólogos deixam de se afetar, essas relações também deixam de existir, pois os afetos são as forças, as energias, as potências que provocam as relações; são a base de qualquer relação e de qualquer assembleia ou conjunto de emaranhados de relações entre diferentes tipos de existências (PELLINI, 2020). Afetos e sensações que estão na base do próprio fazer arqueológico durante a experimentação dos objetos e das sensações que tais materiais geram em cada arqueólogo. Por isso, a arqueologia depende desse constante devir de relações, contatos e afetos, em práticas que constituem os seres envolvidos e ao mesmo tempo as paisagens e os objetos presentes. Uma arqueologia dos afetos, das sensações das experiências dificilmente pode ser exercida em isolamento, em uma ausência do estar no mundo.

Ao longo deste duro período de confinamento, a percepção da importância do estabelecimento das relações na constituição da matéria, dos seres, do mundo, e de mim mesmo, foi algo cada vez mais constante. Uma das reflexões mais presentes durante esse momento é a ideia da dor, provocada pelo isolamento e pela falta de se relacionar com o mundo e seus entes. Algo que afeta de maneira decisiva a nossa própria conformação como pessoas e seres no mundo. O nosso afastamento desse mundo é um afastamento de nós mesmos.

Entretanto, também percebo que essas discussões teóricas sobre a prática arqueológica, em suas diferentes nuances, sobretudo a de uma arqueologia relacional, povoada por seres e entes de outras ontologias, atualizada por meio dos afetos, sentidos e sensações, e os tecidos cerimoniais dos povos mayas, ocuparam a maioria do meu tempo de quarentena. Povoaram a minha cabeça, me conectaram com outros contextos e lugares. Foi uma maneira de passar meu tempo e de não me sentir sozinho e perdido.

Mesmo assim, sentia um forte sentimento de vazio. Somente essa discussão teórica não era suficiente. E, após várias tentativas de me reconectar com o mundo e com o fazer arqueológico, encontrei algo que permitiu manter vivas algumas dessas relações, principalmente a manutenção de minha conexão com o mundo dos seres de tecido: a prática do bordado. Um bordado simples, mas que, a cada fio presente na agulha que

passa pela tela num movimento ritmado, resulta numa atualização de afetos, sensações e emoções, que me acalmam e permitem manter as conexões e as relações com esse mundo e os seres que povoam minha cabeça e minhas investigações de doutorado, assim como reatualizar as conexões com minha mãe e minha família durante este momento difícil.

Ainda que tudo isso represente uma enorme dificuldade da investigação e do fazer arqueológico, é algo totalmente irrelevante considerando o atual momento dramático em que milhares de vidas são tiradas diariamente pelo vírus da Covid-19 e a incompetência e mal condução política no Brasil e em distintos governos espalhados pelo mundo. Esperemos que todo esse pesadelo possa ter fim logo, e que as cicatrizes deixadas pela pandemia não sejam marcas permanentes que afetem para sempre as relações em suas mais diferentes nuances. Relações essas que são as bases para qualquer vida e experiência humana e não humana nos mundos habitados por nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Benjamin; JONES, Andrew Merion; POLLARD, Joshua. *Archaeology after interpretation: Returning to Archaeological Theory*. Londres e Nova York: Routledge, 2013.
- ALLEGRIANTI, Beatrice; WYATT, Jonathan. Witnessing Loss: A Feminist Material-Discursive Account. *Qualitative Inquiry*, v. 20(4), p. 533-543, 2014. doi: 10.1177/1077800413513743
- BARAD, Karen. Posthumanist performativity: towards an understanding of how matter comes to matter. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 28(3), p. 801-31, 2003.
- BARAD, Karen. *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*. Londres: Duke University Press, 2007.
- BIEMANN, Ursula. Geochemistry & Other Planetary Perspectives. In: DAVIS, Heather; TURPIN, Etienne (Org.). *Art in the Anthropocene. Encounters Among Aesthetics, Politics, Environments and Epistemologies*. Londres: Open Humanities Press, p. 117-130, 2015.
- BROWN, Shae L.; SIEGEL, Lisa; BLOM, Simone M. Entanglements of matter and meaning: The importance of the philosophy of Karen Barad for environmental education. *Australian Journal of Environmental Education*, v. 36, p. 1-15, 2020.
- BUCHANAN, Meghan E.; SKOUSEN, B. Jacob. *Tracing the Relational. The Archaeology of Worlds, Spirits, and Temporalities*. Salk Lake City: The University of Utah Press, 2015.
- CABRAL, Mariana Petry. Sobre el ronquido del hacha y otras cosas extrañas: Reflexiones sobre la arqueología y otros modos de conocimiento. In: PELLINI, José Roberto; ZARANKIN, Andrés; SALERNO, Melisa A. (Org.). *Sentidos Indisciplinados. Arqueología, Sensorialidad y Narrativas Alternativas*. Madrid: JAS Arqueología S.L.U., p. 221-250, 2017.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia 2. Vol. 2*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, e Lucia Leão. São Paulo: Editora 34, 1997.
- EDGEWORTH, Matt. Follow the Cut, Follow the Rhythm, Follow the Material. *Norwegian Archaeological Review*, v. 45, n.1, p. 76-92, 2012.
- FLORE, Jacinthe; KOKANOVIĆ, Renata; CALLARD, Felicity; BROOM, Alex; DUFF, Cameron. Unravelling subjectivity, embodied experience and (taking) psychotropic medication. *Social Science & Medicine*, v. 230, p. 66-73, 2019. doi: 10.1016/j.socscimed.2019.04.004

- FRANINOVIC, Karmen. Thinking Active Materials: Actively Thinking Materials. In: KIRSCHNER, Roman (ed.). *Raw Flows. Fluid Mattering in Arts and Research*. Berlin: De Gruyter, p. 124-143, 2017.
- FOWLER, Chris. Dynamic Assemblages, or the Past is What Endures: Change and the Duration of Relations. In: ALBERTI, Benjamin; JONES, Andrew Merion; POLLARD, Joshua (ed.). *Archaeology after interpretation: Returning to Archaeological Theory*. Londres e Nova York: Routledge, p. 235-256, 2013.
- GRECCO PACHECO, Daniel. Ontologías envueltas: conceptos y prácticas sobre los envoltorios de tejido entre los mayas. *Antipoda, Revista de Antropología y Arqueología*, n. 37, p. 119-135, 2019. doi: <https://doi.org/10.7440/antipoda37.2019.06>
- HAMILAKIS, Yannis. Sensorial assemblages: Affect, memory and temporality in assemblage thinking. *Cambridge Archaeological Journal* v. 27 (1), p. 169-182, 2017.
- HEIDEGGER, Martin. *El ser y el Tiempo*. Tradução de José Gaos. 20ª edición. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2018.
- HØJGAARD, Lis; SØNDERGAARD, Dorte Marie. Theorizing the complexities of discursive and material subjectivity: Agential realism and poststructural analyses. *Theory & Psychology*, v. 21(3), p. 338-354, 2011. doi: 10.1177/0959354309359965
- INGOLD, Tim. *Estar Vivo. Ensaíos sobre Movimento, Conhecimento e Descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- JOFRÉ, Ivana Carina. Seguir la huella y curar el rastro. Memorias de una experiencia colectiva de investigación y militancia en el campo de arqueología argentina In: TANTALEÁN, Henry; GNECCO, Cristóbal (ed.). *Arqueologías Vitales*. Madrid: JAS Arqueología S.L.U.. p. 19-60, 2019.
- JONES, Andrew Merion; ALBERTI, Benjamin. Archaeology after Interpretation. In: ALBERTI, Benjamin; JONES, Andrew Merion; POLLARD, Joshua (ed.). *Archaeology after interpretation: Returning to Archaeological Theory*. Londres e Nova York: Routledge, p. 15-35, 2013.
- KIRKSEY, Eben. Multispecies intra-actions. *Antennae. The Journal of Nature in Visual Culture*, v. 32, p. 05-06, 2015.
- MARQUES, Marcélia. O con(tato): a sensorialidade na arqueologia em tempos de pandemia. *Tessituras, Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 8, p. 213-219, 2020. doi: <https://doi.org/10.15210/tes.v8i1.19060>
- MOÑIVAS, Esther. ¿La matéria es esto? *Utopía. Revista de Crítica Cultural*, abril-junio 2019, p. 48-53, 2019.
- PELLINI, José Roberto. Mudando o coração, a mente e as calças. A Arqueologia Sensorial. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 20, p. 3-16, 2010.
- PELLINI, José Roberto. *Senses, Affects and Archaeology: Changing the Heart, the Mind, and the Pants*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2018a.
- PELLINI, José Roberto. *Archaeology of Affection*. In: SMITH, Claire (Org.). *Encyclopedia of Global Archaeology*. Nova York: Springer, p. 1-9, 2018b.
- PELLINI, José Roberto. Sueño y catarsis: hacia una arqueología post-humanista. In: TANTALEÁN, Henry; GNECCO, Cristóbal (ed.). *Arqueologías Vitales*. Madrid: JAS Arqueología S.L.U.. p. 91-122, 2019.

- PELLINI, José Roberto. Bitucas e a materialização do equívoco: Qurna e suas paisagens potenciais. *Revista Mosaico*, v. 13, p. 30-41, 2020. doi: 10.18224/mos.v13i2.8202
- PITARCH, Pedro. La Linea del Pliegue. Ensayo de topología mesoamericana. En *Mesoamérica*. In: PITARCH, Pedro (ed.). *Ensayos de etnografía teórica*. Madri: Nola Editores, p. 193-230, 2020.
- PRECHTEL, Martin; CARLSEN, Robert. Weaving and cosmos amongst the Tzutujil Maya of Guatemala. *Res: Anthropology and Aesthetics*, v. 15, no 1, p. 122-132, 1988.
- RIVERS; Nathaniel A.; DERKSEN, Maarten. Ecologies of Deception in Psychology and Rhetoric. *Quarterly Journal of Speech*, v. 101(4), p. 633-654, 2016. doi: 10.1080/00335630.2015.1127404
- SANTOS, Caynnã de Camargo; FERREIRA, Virginia. Capacidades reprodutivas de mulheres com malformação congênita do aparelho reprodutor: Uma leitura difrativa à luz do realismo agencial de Karen Barad. *New Trends in Qualitative Research*, v. 8, p. 654-662, 2021. doi: <https://doi.org/10.36367/ntqr.8.2021.654-662>
- TAVARES, Rossana Brandão; BONADIO, Mariana Galacini. Ao encontro do corpo: teorias da performatividade para um debate diferencial sobre espaço urbano. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*. v. 23, E202115, p. 01-24, 2021. doi: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202115>
- TEDESCO, Pedro de Castro. *Apresentando o Realismo Agencial: alguns conceitos e seus desdobramentos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- WARFIELD, Katie. Making the Cut: An Agential Realist Examination of Selfies and Touch. *Social Media + Society*, v. 2, p. 1-10. 2016. doi: 10.1177/2056305116641706
- WISE, J. Macgregor. Assemblage. In: STIVALE, Charles (ed.). *Gilles Deleuze: Key Concepts*. Montreal: McGill-Queen's University Press, p. 91-102, 2011.
- ZARANKIN, Andres; SENATORE, María Ximena. Storytelling, Big fish y arqueología: repensando el caso de la Antártida. In: RIVOLTA, María Clara; MONTENEGRO, Mónica; FERREIRA, Lúcio Menezes; NASTRI, Javier (Org.). *Multivocalidad y activaciones patrimoniales en arqueología: perspectivas desde Sudamérica*. Buenos Aires: Fundación de Historia Natural Félix de Azara, p. 111-130, 2015.